REVISTA DE HUMANIDADES TECNOLOGIA E CULTURA
Faculdade de Tecnologia de Bauru. ISSN 2238-3948.
Ano 9. Volume 9. Número 1. Dezembro/2019.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA FORMAÇÃO PARA VIDA

YOUTH AND ADULT EDUCATION: A TRAINING FOR LIFE

Altair de Oliveira Galvão[1]

RESUMO: Neste breve texto buscamos discorrer sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo como ótica, uma formação que seja capaz melhor contribuir para a vida dos Educandos. Objetiva-se, portanto, refletir sobre a possibilidade de uma educação mais significativa em que sejam valorizados conhecimentos prévios, experiências de vida, no processo de formação e com essas fomentar o protagonismo dos alunos. Acredita-se que através de uma maior agencia dos educandos, partindo das suas realidades concretas e relacionando-as com o aprendizado, barreiras até então impostas aos alunos da EJA possam ser superadas.

Palavras-chave: Educação Profissional. Jovens e Adultos. Formação para vida.

ABSTRACT: In this brief text we seek to discuss about the Education of Youth and Adults (EJA), having as optics, a formation that can better contribute to the life of the students. The objective is, therefore, to reflect on the possibility of a more meaningful education in which prior knowledge, life experiences, in the formation process are valued and with these foster the protagonism of the students. It is believed that through a larger agency of learners, starting from their concrete realities and relating them to learning, barriers hitherto imposed on students of EJA can be overcome.

Keywords: Professional Education. Youth and Adults. Formation for Life.

[1] Mestre em Educação pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo; Especialização em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário Claretiano e em Qualidade e Produtividade pela Universidade Federal de Itajubá. E-mail: altair.oliveira01@etec.sp.gov.br

INTRODUÇÃO

Na atualidade, os princípios que regem a aprendizagem extrapolam os limites do professor e do aluno, uma vez que também se faz necessário incluir diversas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), além de metodologias diversificadas no processo ensino aprendizagem. Neste contexto, tal realidade requer que professores e alunos adotem uma nova postura frente ao "aprender a aprender", que passa a ser entendida como aprendizado ao longo de uma vida, diferindo do que se tinha até bem pouco tempo, em que bastava uma mínima formação para garantir a manutenção da empregabilidade no mercado de trabalho.

Contrapondo-se a essa visão reducionista busca-se, neste trabalho, refletir sobre a possibilidade de uma educação mais significativa em que sejam valorizados conhecimentos prévios e experiências de vida do aluno no processo de formação da EJA. Acredita-se, desta forma, que o educando terá a possibilidade de desenvolver o seu protagonismo, e com isso, superar barreiras até então impostas.

As ações didáticas, quando envolvem os alunos no trabalho intelectual, criam condições incentivadoras, motivando-os para que sejam agentes de seu próprio desenvolvimento. Esse é um pressuposto fundamental: a participação do jovem e do adulto no planejamento e na orientação dos componentes e projetos curriculares (PICONEZ, 2003).

Objetiva-se com esse trabalho refletir sobre a possibilidade de uma educação mais significativa em que sejam valorizados conhecimentos prévios, experiências de vida, no processo de formação e com essas fomentar o protagonismo dos alunos.

DESENVOLVIMENTO

Pensando a questão por uma ótica mais ampla, acredita-se que na aprendizagem de pessoas jovens e adultas, em especial, as peculiaridades de suas experiências de vida trazem consigo diferentes habilidades, conhecimentos e o ensinar exige respeito e valorização dos saberes dos educandos.

Nesse contexto, discutir com os alunos a sua realidade concreta e associa-la à disciplina/componente cujo conteúdo se ensina, estabelecer uma "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos educandos e sua experiência sociocultural

que eles têm como indivíduos, favorece para que a aprendizagem seja mais significativa a estes, já que abarca seus conhecimentos prévios de vida, de mundo, onde o educando passa a ser entendido como protagonista da sua própria transformação e o docente o agente facilitador nesse processo.

Muitos jovens e também adultos são trabalhadores que ora em condições de emprego, subemprego ou mesmo desemprego, estão submetidos às circunstâncias de mobilidade no serviço, à alternância de turnos de trabalho, ao sustento da própria família, ao cansaço e à fadiga. Apesar de todas essas barreiras, necessitam retornar à escola para atender às exigências de competitividade do mercado de trabalho e também de seu projeto pessoal de vida.

> [...] há uma cultura experiencial (cultura dos estudantes), parte integrante de suas vidas, que precisa sempre ser considerada nas propostas educativas. A experiência das pessoas jovens e adultas consiste de significados e comportamentos elaborados de forma particular, induzidos por seu contexto, realizados por meio de trocas espontâneas, familiar e social e pela escolarização (PÉREZ GÓMEZ, 2001).

Com isso, para que as relações com os alunos possam ser construídas, educadores não podem agir de forma rude ou severa com os mesmos. Pensar que através de imposição tem-se bons frutos na educação é algo utópico, pois pode-se até conseguir que conteúdos sejam fixados, mas estes terão pouco valor na preparação para vida dos alunos.

> Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. [...] Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é 'encher' os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendraram e em cuja visão ganhariam significação. [...] A narração de que o educador é sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em "vasilhas", em recipientes a serem 'enchidos pelo educador. Quanto mais vá 'enchendo' os recipientes com seus 'depósitos', tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente 'encher', tanto melhores educandos serão. Dessa maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz 'comunicados' e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção 'bancária' da educação, em que a

> única margem de ação que se refere aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. [...] No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção 'bancária'. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Na medida em que esta visão 'bancária' anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação (FREIRE, 2005, p. 65-69)

A educação é um ato de amor, que prima pelo crescimento de seus agentes, trazendo benefícios a todos que a partilham. Para a efetividade da aprendizagem, tem-se que os docentes assumam mais o papel de orientadores e/ou fonte de desvelamento da realidade, antes de serem transmissores de informações e de conteúdos, assim como, o material didático precisa estar disponível e ser capaz oferecer maior suporte e apoio de modo a enriquecer, complementar e favorecer as aprendizagens dos educandos, diferentemente do que temos hoje, uma vez que esses, na maioria da vezes são engessados com pouca relação com a realidade dos Alunos da EJA.

Em termos Políticos, ao pensar a Educação de Jovens e Adultos, faz-se necessário avançar mais nas políticas públicas para EJA, pois sabe-se que foram conquistadas nos Fóruns[2] de EJA do Brasil, que trouxe aspectos formais e legais para a educação dos trabalhadores, como:

a) Os direitos e especificidades assegurados pela Constituição Brasileira de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 e Parecer CNE/CEB nº 11/2000 que reconhecem a EJA como modalidade da Educação Básica com identidade própria, rompendo com uma concepção de educação supletiva e ideia de Ensino Regular noturno;
b) A inclusão da EJA no programa de financiamento (FUNDEB);
c) A criação do Programa Nacional do Livro Didático da Educação de Jovens e Adultos;
d) Incentivo a novas matrículas na EJA por meio da Resolução nº 48/2012 que prevê a transferência dos recursos financeiros para a manutenção de novas

[2] Os Fóruns de EJA são formados por vários representantes da Educação de Jovens e Adultos no Brasil em cada região do país.

turmas de EJA. Esses avanços, quando realmente efetivados, tendem a garantir um espaço de mediação para o ato revolucionário, e esse movimento tem como consequência a tomada do poder político pelo sujeito central da transformação, o educando.

Na contramão disso, toda tentativa de avanço e /ou melhoria na forma de Políticas Públicas, que deixe de focar no protagonismo de jovens e adultos, como forma de empoderamento destes, objetivando superação das desigualdades que há décadas estão arraigadas, somente trará uma nova forma de exploração.

Para ilustrar o que entendemos como ações que vão na contramão, e que inviabilizam mitigar os problemas na EJA, apontamos:

a) A não desarticulação de políticas públicas, ancoradas em programas e projetos oriundos de ações fragmentadas;
b) A ausência de formação inicial continuada;
c) A falta de ampliação e universalização das políticas públicas para a EJA;
d) O financiamento adequado para a oferta desta modalidade;
e) O fortalecimento dos órgãos federais, estaduais e municipais que atuam com a EJA;
f) A melhoria das condições infra estruturais e humanas.

Entretanto, entendemos que para obter-se avanços mais expressivos na EJA , o ponto de partida está na realidade concreta dos educandos. A mudança é possível, mas deve ser feita com estes e para estes, tendo como referência a visão de mundo construída pelos educandos, suas experiências, assim como, os dados objetivos do contexto onde acontecerão as práticas sociais e as experiências educativas devem ser pautadas para uma aprendizagem significativa e com isso romper com uma perspectiva de "educação conteudista", sem vínculo e relação com a realidade dos sujeitos envolvidos, que culmina para a manutenção das barreiras até então impostas

> [...] a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida. Assim, a realidade concreta se dá aos educadores/as na relação dialética entre objetividade e subjetividade (FREIRE, apud: BRANDÃO, 2001, p. 35).

Dessa forma é de grande importância ter clareza em relação ao caráter multidimensional da proposta pedagógica adotada na EJA, de forma que seja capaz de atender simultaneamente as funções da Educação Básica, da Educação Profissional, como também, a questão da pluralidade, muito presente nesta modalidade de Educação.

> É importante ter claro o desafio do caráter multidimensional da proposta pedagógica, que deve dar conta de cobrir conteúdos e funções da educação básica e da educação profissional, simultaneamente. Além das implicações decorrentes dessa associação, é importante atinar para a característica também plural da Educação de Jovens e Adultos, já que ela lida com diferentes estilos cognitivos e de aprendizagens, situação complexa em si para a organização do processo pedagógico e para a formação de professores que atuam nesse campo (MACHADO, 2006, p. 41).

Contudo, é comum encontrar nas classes de EJA, apesar dos discursos sobre incentivar o protagonismo do aluno, uma prática muito próxima da educação bancária, como nos dizia Paulo Freire. Todavia, acreditamos que propostas mais críticas e democráticas contribuiriam fortemente para estimular o diálogo entre seus agentes e fomentar, nos alunos da EJA, uma Educação mais voltada as suas expectativas, aos seus anseios e as suas necessidades de vida.

Sabemos que não existe um modelo ou uma técnica pronta a ser adotada, especialmente nas turmas da EJA, em que as particularidades são muitas, cabendo ao docente identificar junto com os educandos, o que melhor se adequa ao perfil destes. Isto requer diagnóstico, reflexões, revisão sobre o que fora planejado, de forma que o trabalho docente seja eficaz e possa atender às expectativas dos estudantes, principais atores no processo de ensino-aprendizagem. Todavia, isso precisa estar respaldado por Políticas Públicas, que também correspondam às demandas e às expectativas dos educandos, o que requer maior aproximação e diálogo da esfera pública com estes.

O público integrante da EJA é representado em parte por sujeitos marginalizados pelo sistema educacional, econômico e social e que têm seus atributos sempre acentuados em consequência de alguns fatores adicionais como raça, etnia, cor e gênero. São egressos do ensino fundamental, trabalhadores em atividade ou não que buscam na escola alternativas para a sua empregabilidade, como também a formação

necessária para a compreensão do mundo, de sua inserção nesse espaço e das formas possíveis de interação e intervenção para a melhoria da qualidade de vida, tanto sua, quanto dos indivíduos de seu entorno.

Corroborando com o que até então fora explicitado sobre as especificidades/particularidades dos jovens e adultos da EJA, apresentamos no Quadro 1, uma adaptação do estudo de Malcolm Knowles (1970), referente a Andragogia[3] comparando o Papel da Experiência; a Vontade de Aprender; a Orientação da Aprendizagem e a Motivação na da Educação voltada para Adultos, em relação à educação voltada às crianças no seu período de escolarização regular.

Quadro 1 - Educação voltada a adultos x educação de crianças em período regular.

	CRIANÇAS	ADULTOS
PAPEL DA EXPERIÊNCIA	A experiência daquele que aprende é considerada de pouca utilidade. O que é importante, pelo contrário, é a experiência do professor.	Os adultos são portadores de uma experiência que os distingue das crianças e dos jovens. Em numerosas situações de formação, são os próprios adultos com sua experiência que constituem o recurso mais rico para suas próprias aprendizagens.
VONTADE DE APRENDER	A disposição para aprender aquilo que o professor ensina tem como fundamento critérios objetivos internos à lógica escolar, ou seja, a finalidade de obter êxito e progredir em termos escolares.	Os adultos estão dispostos a iniciar um processo se aprendizagem desde que compreendam a sua utilidade para melhor afrontar problemas reais da sua vida pessoal e profissional.
ORIENTAÇÃO DA APRENDIZAGEM	A aprendizagem é encarada como um processo de conhecimento sobre um determinado tema. Isto significa que é dominante a lógica centrada nos conteúdos e não nos problemas.	Nos adultos a aprendizagem é orientada para a resolução de problemas e tarefas com que se confrontam na sua vida cotidiana (o que desaconselha uma lógica centrada nos conteúdos).
MOTIVAÇÃO	A motivação para a aprendizagem é fundamentalmente resultado de estímulos externos ao sujeito, como é o caso das classificações escolares e das apreciações do professor.	Os adultos são sensíveis a estímulos da natureza externa (como por exemplo notas), mas são os fatores de ordem interna que motivam o adulto para aprendizagem (satisfação, autoestima, qualidade de vida, etc.).

Fonte: Adaptado de Malcolm Knowles (1970)

Ao analisarmos o Quadro 1, podemos inferir que enquanto para as crianças, o foco está na experiência do professor e a bagagem que este traz, para o adulto, há um deslocamento para suas próprias experiências, quer sejam afetivas, profissionais, como de vida, e estas são diferenciais para o seu aprendizado.

[3] Andragogia (do grego: andros - adulto e gogos - educar), é um caminho educacional que busca compreender o adulto. A Andragogia significa, "ensino para adultos". Andragogia é a arte de ensinar aos adultos, que não são aprendizes sem experiência, pois o conhecimento vem da realidade (escola da vida).

No caso da vontade de aprender, enquanto para as crianças o foco está em avançar os períodos letivos tendo como objetivo a sua conclusão, para os adultos essa vontade relaciona-se com a possibilidade de empoderamento, quer seja, pessoal ou profissionalmente, está voltada para crescimento enquanto pessoas. O deslocamento se evidencia também, no que se refere a orientação para a aprendizagem, e na motivação para esta, uma vez que os adultos buscam uma educação que lhe sirva para a vida, que seja capaz de subsidiar a superação de barreiras a ele impostas objetivando satisfação, autoestima, qualidade de vida, enquanto que nas crianças isso não se evidencia, uma vez que, o foco nos conteúdos que muitas vezes trabalhados de forma compartimentada, não se relacionam, o que desfavorece nas crianças o despertar da motivação para uma educação mais ampla e significativa, prezando muitas vezes pelos boletins que não dão o devido conhecimento de mundo que as crianças necessitaram para a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar e pensar uma educação de qualidade na formação de jovens e adultos, na modalidade EJA, implica reconhecer as características psicossociais e físicas desses educandos e a sua importância no processo ensino-aprendizagem, uma vez que nessa larga faixa etária, ao contrário das crianças e adolescentes, não se aplica mais o chamado "efeito esponja[4]".

Ao longo do tempo, por meio de embates entre classes dominadas e dominantes, alguns avanços se fizeram, sendo esses significativos aos menos favorecidos, todavia, acreditamos que ainda temos um longo caminho a percorrer até que tenhamos uma educação para a EJA, que realmente atenda aos anseios dessa faixa da população, que em boa parte do tempo foi deixada às margens pelas Políticas Públicas Educacionais do Brasil. Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica. (FREIRE, 1984, p. 89)

---

[4] O chamado "efeito esponja", na qual a criança absorve todas as informações não é possível de ser observado na fase adulta. O adulto desenvolve uma habilidade mais intelectual, quer experimentar, vivenciar.

Todavia, consideramos que isso só será possível quando a esfera pública efetivamente passar a buscar uma maior aproximação com os jovens e adultos, desta modalidade de Educação, de forma a entender seus anseios, frustações, dilemas e realidades, e diante disso, com estes e para estes, passe a construir meios para se conseguir uma Educação de Jovens e Adultos capaz de romper o modelo de educação preconizado no país, que pretere os menos favorecidos em favor dos que detêm o poder, assim como, em favor dos interesses capitalistas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. (1996). **Conselho Nacional da Educação**. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação. Lei nº 9.394.

_____. (2000). CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Parecer CEB nº 11/2000.

BRANDÃO, C. R.. **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CODO, W. **Educação**: Carinho e Trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999.

FERNÁNDEZ, S. N.. **Andragogía**. Su ubicación en la educación continua. Universidad Nacional Autónoma de México. 2001.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1979. (Coleção O Mundo Hoje; v. 36).

_____. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa-21ª Edição- São Paulo. Editora Paz e Terra, 2002.

_____. **Educação bancária e educação libertadora**. In: Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. p. 65-87

KUENZER, A. Z.. O ensino médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito. **Educação e Sociedade**. Campinas, SP, v. 21, n. 70, abr 2000. p. 15-39.

MACHADO, L.. PROEJA: o significado socioeconômico e o desafio da construção de um currículo inovador. In: Brasil. Secretaria de Ensino a Distância. **EJA**: Formação técnica integrada ao ensino médio: boletim 16. Brasília: MEC/SEED, p. 36-53, 2006. Disponível em: http://tvBrasil.org.br/fotos/salto/series/141327Proeja.pdf

PÉREZ GÓMEZ, A. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed.2001.

PICONEZ, S. C. B. **Aprendizagem do jovem e adulto e seus desafios fundamentais**. Documento produzido para o Curso de Especialização de Educação Escolar de Jovens e Adultos do Núcleo de Estudos sobre Educação de Jovens e Adultos e Formação Permanente de Professores, 2003. Disponível em: http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espacovirtual/espaco--educar/ensino-fundamental/educ-jovensadultos/artigos/aprendiz.pdf

SOUZA, A. N.. Fronteiras entre duas esferas das atividades sociais: a educação e o trabalho. **Educ. Soc.** vol.33 n.118. Campinas jan. / mar. 2012. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302012000100000&lang=pt